

## TOPOS E ARACNIANO: CARTOGRAFIAS DE UM DELIGNY TROPICAL

Pedro Rodrigues de Almeida<sup>1</sup>

Pedro Henrique Silva Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo cartografa a experiência do grupo de pesquisa Tópos: Infância e Subjetividade, que, a partir do pensamento de Fernand Deligny, constrói práticas de educação e cuidado voltadas para o acolhimento da diferença autista. Por meio de grupos de estudo e imersões cartográficas, conceitos como “aracniano” e “topos” são mobilizados para forjar uma “clínica do espaço”, em oposição à lógica medicalizante e semelhantizante da psiquiatria tradicional. A experiência evidencia a potência de uma ética do espaço como fundamento para práticas educativas e clínicas que respeitem a singularidade e criem condições de existência para o inassimilável. O trabalho da Tópos ilustra, assim, como o legado de Deligny segue inspirando, no Brasil, experiências de formação e intervenção que articulam dimensões pedagógicas, clínicas, éticas e políticas.

**Palavras-chave:** Fernand Deligny; educação; cuidado; clínica do espaço; autismo; cartografia; aracniano; ética.

## TOPOS AND ARACHNEAN: CARTOGRAPHIES OF A TROPICAL DELIGNY

**Abstract:** This article maps the experience of the research group Tópos: Childhood and Subjectivity, which, based on the thought of Fernand Deligny, constructs educational and care practices aimed at welcoming autistic difference. Through study groups and cartographic immersions, concepts such as “arachnean” and “topos” are mobilized to forge a “clinic of space,” in opposition to the medicalizing and similarizing logic of traditional psychiatry. The experience highlights the power of an ethics of space as a foundation for educational and clinical practices that respect singularity and create conditions of existence for the unassimilable. The work of Tópos thus illustrates how Deligny’s legacy continues to inspire, in Brazil, training and intervention experiences that articulate pedagogical, clinical, ethical, and political dimensions.

**Keywords:** Fernand Deligny; education; care; space clinic; autism; cartography; arachnid; ethics.

---

1 Psicólogo clínico, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

2 Psicólogo, mestre e doutorando em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (Furb).

## Introdução

A contemporaneidade assiste à ampliação de um poder psiquiátrico que, ao operar por meio de categorias diagnósticas precisas, busca codificar e normalizar as diferenças na infância. Nesse cenário, experiências singulares – em especial as localizadas no espectro autista – são sistematicamente patologizadas, submetendo-se a um prolongado processo de “semelhantização” que dilui suas características em nome de uma integração social de matriz excludente. Face a essa lógica, impõe-se a questão: como resistir e criar formas de cuidado e educação que, de fato, acolham o inassimilável?

Encontramos uma resposta possível no pensamento de Fernand Deligny (1913-1996), educador francês que, criando espaços comuns, desenvolveu práticas diversas de acolher os diferentes em sua singularidade. Sua obra, principalmente após o final da década de sessenta, ancorada na convivência com crianças autistas ditas incuráveis, forja conceitos como “aracniano” e “topos”, que nos inspiram a pensar uma clínica e uma pedagogia do espaço, opondo à lógica da semelhantização uma ética do acolhimento dos gestos e trajetos singulares. Foi a partir dessa inspiração que um coletivo de pesquisadores, educadores e clínicos brasileiros começou a se reunir, ainda em formato remoto, para estudar e experimentar os conceitos de Deligny, dando origem ao grupo “Tópos: Infância e Subjetividade”. Sua trajetória – de um grupo de estudos online a uma imersão cartográfica presencial – serve como analisador da atualidade do pensamento delignyan para a formação de educadores e clínicos no Brasil. Este artigo tem, portanto, o objetivo de cartografar essa experiência, demonstrando como a leitura e a experimentação dos conceitos de Deligny permitem formular práticas de cuidado que intervêm no espaço, e não apenas nos corpos, como alternativa ao poder psiquiátrico hegemônico.

### O grupo Tópos: um dispositivo de pesquisa-formação com Deligny

Para compreender como esse ferramental conceitual se traduz em prática, é necessário cartografar a própria experiência do grupo que lhe dá corpo.

O grupo Tópos constitui-se como um dispositivo de pesquisa-formação movido por perguntas éticas e clínicas consideradas incontornáveis: como pensar, sentir e agir com a infância e adolescência buscando a superação da primazia diagnóstica? Como acompanhar os gestos e trajetos de uma criança sem a intenção de corrigi-los, mas sem negligenciá-la? Como, enfim, contrapor-nos à expansão do poder psiquiátrico na atualidade brasileira? Foi com e a partir de Fernand Deligny que buscamos ferramentas para enfrentar estas questões. Ao longo de doze meses, um coletivo transinstitucional de pesquisadores, clínicos, educadores, estudantes e artistas de diferentes partes do Brasil realizou encontros remotos dedicados à leitura comentada do livro *O Aracniano* e outros textos (Deligny, 2015). Essa imersão teórica não foi um fim em si mesma, mas o solo para uma formação balizada pelo pensamento de Deligny, que se materializou na produção de monografias, dissertações e teses (Ferreira, 2023; Almeida, 2024) e culminou em uma imersão cartográfica presencial. Foi nesse percurso que o grupo, tomando a cartografia

e o espaço como eixos centrais, consolidou-se sob o nome “Tópos: Infância e Subjetividade”, cartografando ele mesmo uma rede de influência do pensamento delignyano no país.<sup>3</sup>

Esta rede transdisciplinar – que reúne clínicos, educadores, estudantes e artistas – opera menos como um grupo de estudos tradicional e mais como um “dispositivo de formação” vivo, cuja tessitura se dá na transferência de trabalho e na articulação entre pesquisas em curso. Seu pensamento não se funda exclusivamente em Deligny, mas o toma como eixo para uma constelação teórica que inclui Foucault, Simondon, Deleuze, Guattari e as pesquisadoras brasileiras Suely Rolnik, Tânia Rivera e Noelle Resende. Nesse sentido, poetas e músicos brasileiros aparecem como aliados desse pensamento ao materializarem, na arte, modos de habitar, se deslocar e confrontar com as formas instituídas da subjetividade – um nome importante aqui é o da artista plástica Lygia Clark, que nos ajuda a pensar a relação entre espaço e subjetividade a partir da sua obra “Caminhando” e “O dentro e o fora” (Rivera, 2008). O ápice dessa formação coletiva foi a imersão cartográfica nomeada como “Imersão: Cartografia e Acompanhamento Terapêutico”, realizada em parceria com o serviço residencial terapêutico caSa Lua e com a participação do professor Eduardo Passos.<sup>4</sup>

Convidado para comentar um filme feito com moradores da residência terapêutica durante a pandemia, os comentários do professor Eduardo Passos sobre Deligny e a clínica despertaram nosso interesse. O autor propõe uma leitura de Deligny em diálogo com a tradição brasileira de cuidado territorial e com os princípios da Reforma Psiquiátrica, destacando o caráter clínico-político de sua prática. Nesse sentido, situar o pensamento de Deligny no campo da Luta Antimanicomial Brasileira permite compreender suas ressonâncias com as experiências de cuidado fora das instituições. Para Passos (2018), Deligny desenvolveu seu exercício clínico-político como “crítica” e como sensibilidade às “formas de assujeitamento”.

Essa é realmente uma diferença importante entre o pensamento clínico-político no Brasil e na França. Enquanto na França temos experiências importantes de reinvenção em asilos como Saint Alban, La Borde e Armentières, no Brasil a direção foi a da desinstitucionalização passando necessariamente pela desospitalização. Mas apesar dessas diferenças, há um comum na crítica às instituições feitas por Deligny e por nós na reforma psiquiátrica brasileira (Passos, 2018, p.150).

---

3 A composição transinstitucional do Tópos evidencia a influência do pensamento de Deligny em diversos programas de pós-graduação nacionais, cartografando uma rede que inclui, entre outras, as seguintes instituições: Universidade Federal Fluminense (e os polos de Volta Redonda, Rio das Ostras e Campos dos Goytacazes), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Regional de Blumenau, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal de Sergipe.

4 O professor doutor Eduardo Passos, apresentou Fernand Deligny na Universidade Federal Fluminense, vésperas do I Encontro Internacional Fernand Deligny. Além disso, foi orientador das teses de doutorado (Almeida, 2024; Araujo, 2023).

Nessa imersão, investigou-se a relação entre o pensamento cartográfico de Fernand Deligny, a criação de espaços de cuidado e a produção do comum na perspectiva da equipe de acompanhantes terapêuticos. Além do encontro para falar sobre o filme, dedicamo-nos também a atividades espaciais, isto é, práticas efetivas de habitação da residência terapêutica: na manhã seguinte ao debate, chegamos cedo na casa, tomamos o café da manhã com os moradores, fomos ao mercado, fizemos o almoço, habitamos o espaço de modo costumeiro e também festivo – o que salienta um traço importante desta rede brasileira de pesquisa, quiçá uma rede tropical.

Passos & Mizoguchi (2019) encontram ressonância entre o movimento Tropicalista, guiado por Caetano Veloso & Gilberto Gil, em 1968, no Brasil, e o movimento contracultural francês que inclui Deligny e também outros nomes como Deleuze e Guattari. As conexões aí existentes aproximam a crítica francesa ao “modo subversivo não antagonista de enfretamento ao fascismo” no Brasil. Pensar um Deligny tropical é associá-lo, por que não, a experimentações clínico-políticas, mas também artísticas e festivas.

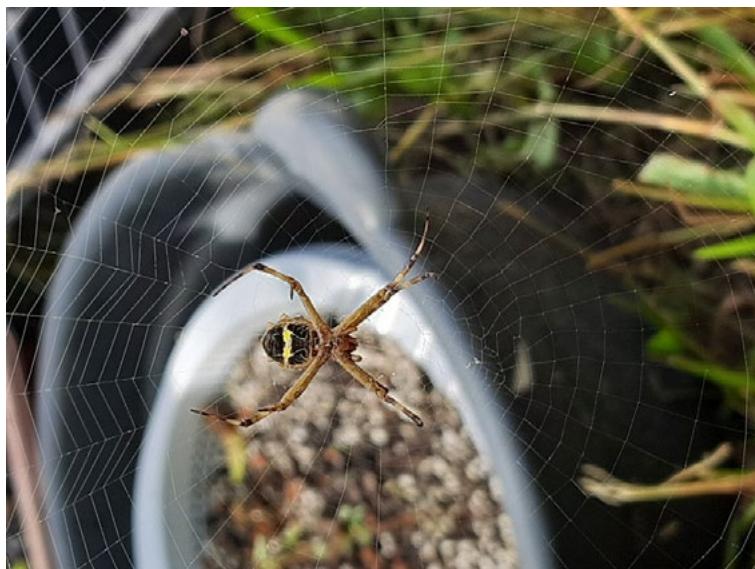
Nesse sentido, identificou-se no trabalho de acompanhamento terapêutico uma ética da hospitalidade que interessa diretamente à cartografia delignyana e a atualização da luta antimanicomial no Brasil: a de acolher o que vem de fora. Como afirma Fábio Araújo (2023, p. 138) em sua tese sobre a constituição da própria residência terapêutica, “Quando se trata de hospitalidade, é o estrangeiro que irrompe em visitação, é o estrangeiro que deve ser convidado a entrar. O outro, enquanto efeito nominal, recomeça para nós aqui como estrangeiro”.

Imagen 1 - Fotografando a vizinhança



Fonte: Fotografia da Imersão Cartografia e Acompanhamento Terapêutico. Acervo do grupo Tópos.

Imagen 2 - A vizinhança



Fonte: Fotografia da Imersão Cartografia e Acompanhamento Terapêutico. Acervo do grupo Tópos.

Foi nesse contexto de experimentação concreta que a cartografia deixou de ser uma mera referência metodológica para se tornar uma prática de cuidado – um modo de intervir nos espaços (escolas, ruas, residências terapêuticas) para acolher o deslocamento de corpos para além dos códigos simbólicos e orgânicos que dominam a clínica e a educação tradicionais.

### **Deligny e o aracniano: por uma clínica do espaço**

Em grande medida, a potência do pensamento de Fernand Deligny emana de seu caráter inclassificável, forjado nas fronteiras institucionais e conceituais entre a clínica, a educação, a arte e a filosofia, e sempre ancorado em experimentações concretas. Sua obra é ela mesma um arquivo heterogêneo dessa trajetória: composta não apenas de livros, mas de milhares de páginas de textos fragmentários, cartas, diários, e, de forma crucial, de desenhos, fotos, filmes e os famosos mapas que registram visualmente o traço coletivo da vida em rede.

Sua trajetória não é linear, mas uma migração constante para dentro e fora dos muros institucionais da França de seu tempo. Iniciando sua atuação em classes especiais, asilos e centros de detenção do período pós-guerra – cenário que criticou severamente em obras como *Vagabundos Eficazes* (1945) –, Deligny testemunhou a transição da lógica do descarte puro e simples para a da reeducação da “infância inadaptada”. Seu trabalho no Centro de Observação e Triagem (COT) de Lille lida com a fundação desse campo, que, sob o véu da readaptação, estruturava uma nova gestão da diferença, articulando ciência, poder público e iniciativa privada (Resende, 2016). Deligny identificou nessa modalidade uma forma mais sutil e

expansiva de poder psiquiátrico, que não se limita a enclausurar corpos, mas busca modelar subjetividades, antecipando a crítica que Foucault (2012) viria a formular como “expansão e generalização do poder psiquiátrico”.

Esta crítica radical às instituições culmina em uma guinada decisiva: a deriva do campo institucional para a criação de um campo de liberação. Antes da experiência em Cévennes, Deligny já havia ensaiado esse movimento na Grande Cordée (1948–1953), uma rede de acolhimento para jovens “inadaptados” que operava nas margens do sistema educacional e judiciário francês. Essa experiência serviu como laboratório para a passagem entre o dentro e o fora das instituições, onde o autor começou a elaborar uma prática coletiva fundada no espaço e na convivência, mais do que na norma e na correção. A partir do encontro com Janmari, uma criança autista, e sobretudo entre 1966 e 1969, Deligny desloca sua crítica da instituição-asilo para a linguagem como instituição. Ele passa a entender a linguagem verbal – com seus pactos simbólicos, seus jogos de poder e sua lógica representacional – como um aparato da “semelhantização”, um processo que produz identidades normativas e apaga modos de existência singulares. É contra esse pano de fundo que a experiência em Cévennes se ergue como ato fundador de um tipo de “clínica do espaço” (Almeida, 2024).

Nas montanhas do sul da França, longe da efervescência parisiense de Maio de 68, Deligny e seus companheiros criam “áreas de estar” (aires de séjour): instalações espaço-temporais dedicadas a acolher crianças autistas ditas “inratáveis”. Ali, sem especialistas, tratamentos ou muros, os “camaradas inevitáveis” ou “presenças próximas” assumem um desvio: o de não responder pedagógica ou clinicamente aos gestos infantis, constituindo-se como um “arredor” tão inerte e disponível quanto as pedras e os riachos que cercavam a rede. Esta rede se erguia como um asilo voluntário, uma alternativa concreta e radical ao destino manicomial – frequentemente marcado pela lobotomia e pelo abandono – e também a outros modelos de cura, como a psicanálise institucional, dos quais Deligny buscava explicitamente se distanciar.

É nesse contexto de suspensão da intenção corretiva que o conceito de “aracniano” emerge, em textos como os do livro homônimo, como a pedra angular de sua filosofia prática. Mais do que definir, o aracniano opera. Ele designa, literalmente, o modo de ser da aranha – um agir que, ao buscar um canto e tecer sua teia, habita o espaço sem projeto ou finalidade predefinida. Trata-se de um modo de habitação anterior e exterior à lógica da linguagem representativa e da reciprocidade. O aracniano é, portanto, a sombra do humano que resiste à semelhantização, uma vizinhança silenciosa que se estabelece não pela comunicação, mas pela coexistência em um topo comum. Desse conceito nuclear proliferam outras noções operatórias – como o “agir de espécie”, os “gestos para nada” e o “modo de ser em rede” – que descrevem uma economia existencial distinta daquela do “projeto pensado” e da intencionalidade. Sobre esse lugar, Deligny (2015, p.16-17) escreve o seguinte:

Não é de hoje que vou parar em moradias abandonadas. A cada vez, minha companheira me antecedeu. Ali ela me espera. Precisa tão pouco de mim

quanto eu dela, o que dá ensejo a relações de vizinhança de muito bom quilate. Alguns dirão que falta aí a dimensão da troca. Erro crasso. Eu nada quero dela e ela nada espera de mim, o que nos protege de nos malquerer.

Para dar visibilidade a essa existência aracniana, Deligny recusa a interpretação e inventa a cartografia. Os famosos mapas traçados em Cévennes não revelam apenas um território em movimento, mas registram os gestos, os trajetos e as paradas das crianças em sua relação com o espaço. Eles são a materialização de um olhar que não busca compreender ou diagnosticar, mas acompanhar. O mapa torna visível o “costumeiro”, os “gestos para nada” e as “linhas de errância” que constituem a trama singular de uma vida que não pode ser contida pela palavra.

A cartografia, assim, consolida-se como o método do que chamamos de *clínica do espaço*: uma tecnologia ética e política que, ao mapear o topos onde a vida aracniana se desdobra, oferece um suporte para sua persistência, contra a ameaça constante de ser recapturada pelo “projeto pensado” do “homem-que-nós-somos”, representante da ordem simbólica hegemônica.

### **A semelhantização e o Aracniano: uma ética do espaço**

Se a experiência em Cévennes materializou uma “clínica do espaço”, foi na elaboração conceitual de *O aracniano* que Deligny desenvolveu sua crítica mais radical. Essa guinada não foi apenas teórica, mas uma reconfiguração ético-política do cuidado, como evidencia uma carta de 1966 onde Deligny (s/d, *apud* Resende, 2016, p.221) descreve a um correspondente a composição do “meio próximo” necessário para acolher uma criança:

Eu gostaria de ver isso de perto, mais profundamente. Não em relação àquilo que se passa ou se passou em seu interior, mas quanto àquilo que poderia constituir um meio próximo adequado para lhe fornecer a palavra que ele recusou até o momento. O meio próximo, eu o tenho: - Any e nosso filho, Vincent; - Guy Aubert; - Marie Rose Aubert; - Gisèle, irmã d'Any; - Jacques Lin, um cara de 20 anos que trabalhava na Hispano e que vem conosco; - Yves Guignard; - Michel Creusot, um grande idiota tagarela.

A rede, portanto, como um organismo vivo e não especializado, precede e possibilita o conceito, constituindo a base material para uma prática que se quer fora dos ditames da linguagem e do poder psiquiátrico.

Nesse cenário, Deligny (2015) opera uma distinção crucial entre “o homem-que-nós-somos” – ser regido pela linguagem, pelos “projetos pensados” e pela ordem do poder – e o humano ou “aracniano”. Enquanto o primeiro habita o campo da intenção, da representação e do controle, o segundo corresponde a uma forma de existência pré-verbal, movida por gestos e trajetos que escapam à normatividade simbólica. Deligny vê na criança autista a figura por excelência do “refratário” a esse pacto simbólico. A recusa da fala, portanto, não é compreendida como um déficit, mas é tomada, pelas presenças próximas e por Deligny, como um gesto que convoca uma ética e uma política do cuidado – uma forma de resistir à violência da semelhantização. Ao atribuir-lhe, por bem-intencionado que seja, o

“direito de querer (falar)”, na verdade, “a oprimo e condeno, com esse direito, a uma semelhantidade – uma identidade ainda mais pesada por ser fictícia” (Deligny, 2015, p.35).

Diante do refratário, a postura não é a da compreensão – que “só pode exercer-se pressupondo uma significação” (Deligny, 2015, p.160) –, mas a do acompanhamento. A operação central torna-se “referenciar” (*repérer*), entendida como a conjunção primordial entre agir e espaço. Deligny recorre à etologia para ilustrar essa ética: tal como o patinho que, privado da espacialidade da poça d’água, não poderá exercer o nadar que lhe é próprio, a criança autista também precisa de um *topos* que permita a seus infinitivos humanos primordiais aflorarem. “Se não houver água, esse nada não aflorará ao manifesto, à falta do *ali* indispensável” (Deligny, 2015, p.232-233). Referenciar, portanto, é produzir esse *ali*; é um ato ético de criar um espaço de acolhimento onde uma existência pode espacializar-se de acordo com sua própria lógica costumeira, sem a violência da semelhantização.

Assim, a cartografia consolida-se como um método provisório por excelência. Ela não interpreta, mas deixa ver a existência aracniana, registrando seus gestos, trajetos e linhas de errância. O aracniano, enquanto conceito, é tão fugidio quanto a experiência que nomeia: “Sucedeu que o acaso nos ajudasse: toda veleidade de utilização do aracniano – fosse qual fosse a finalidade desse uso – fazia-o desaparecer, tanto é que se a liberdade é consciência da necessidade, ainda assim é preciso compreender, nessa necessidade, a de respeitar o aracniano – e, portanto, de percebê-lo, o que não é pouca coisa” (Deligny, 2015, p. 40). Sua função não é explicar, mas operar como um disparador ético, estético e político. A cartografia é, assim, a prática que permite ao aracniano não apenas existir, mas persistir, oferecendo um suporte contra sua recaptura pelo “projeto pensado”. Sinteticamente, “Não se trata de ir ao encontro deles, de cuidar deles, de nos dirigir a eles, essa não é a nossa abordagem” (Vitor, 1976).

Desse modo, a atualidade d’*O Aracniano* oferece um arsenal poético-conceitual para deslocar o problema: da subjetividade, compreendida como sinônimo de linguagem, para subjetivação pensada na relação com o espaço. Seus conceitos não compõem uma teoria sobre o autismo, mas produzem experiências e imagens que nos permitem pensar, sentir e agir diferentemente. É um trabalho que, ao localizar o humano em sua dimensão espacial mais arcaica, interroga os fundamentos das ciências humanas e inaugura uma clínica que é, antes de tudo, uma ética dos espaços comuns.

### **Topos: por uma ética do espaço e do cuidado**

A cartografia, ao tornar visível a existência aracniana, exige uma redefinição radical do próprio espaço. Não se trata mais do espaço físico, geográfico ou relacional, mas daquilo que Deligny nomeia como *topos*: o resto inclassificável que persiste fora do simbólico, a superfície pré-verbal que subtende os gestos e trajetos. É no exercício cartográfico que este *topos* comparece, como uma “entidade tão

discreta que não figura no panteão das entidades maiúsculas como Eros e Tânatos; quero dizer topos, que evoca o espaço, o aí-agora” (Deligny, 2015, p.225).

O poder da cartografia reside justamente em fazer ver esse “resto, refratário a toda compreensão”, como descreve Deligny ao referir-se ao ato de guardar e fitar os trajetos das crianças: “Quanto à maioria desses traços, faz tempo que esquecemos de quem são. Esse esquecimento nos permite ver ‘outra coisa’” (Deligny, 2015, p.160). Enquanto a linguagem “não descansa enquanto não nos faz crer que ela foi preenchida” (Deligny, 2015, p.224) – “talvez porque a linguagem esteja a serviço de uma causa que não faz tanta questão de ser notada. É possível que essa causa esteja mancomunada com todo poder” (Deligny, 2015, p.224) –, o topos é justamente o que escapa a este preenchimento, mantendo-se como fissura e brecha.

Esta concepção conduz a uma inversão fundamental na compreensão da subjetivação. Se o “homem-que-somos” é estruturado pela linguagem, o humano-em-sua-natureza habita primordialmente o espaço. A analogia do patinho é aqui decisiva: assim como o nadar só pode aflorar na “espacialidade da poça d’água”, os “infinitivos primordiais” do humano – agir, referenciar, habitar – só têm lugar “se o lugar – topos – o permite” (Deligny, 2015, p.232-233).

O topos revela-se, assim, não como cenário, mas como condição de possibilidade de modos de existência não capturáveis pela linguagem, o que Guattari (2012) chamaría de “território existencial”. A criança autista, em sua recusa radical aos pactos simbólicos, nos confronta com esta evidência: antes da palavra, há o gesto; antes da lei, o trajeto. Se no início desta reflexão perguntávamos como criar formas de cuidado e educação que acolham o inassimilável, aqui essas questões se reconfiguram com Deligny: o problema do cuidado torna-se o problema do espaço. O que é a linguagem do ponto de vista de uma criança que não fala? Como é possível habitar e sentir com eles este espaço fora da linguagem? Como este espaço, a despeito da minha vontade, razão ou intenção, toca em mim e move-se sob meus pés?

A experiência do grupo Tópos, ao operar com este arsenal conceitual, demonstra a atualidade clínica desta virada espacial. O que está em jogo não é uma nova técnica terapêutica, mas uma restituição ética do espaço como fundamento do cuidado. Contra a lógica classificatória do DSM e a “semelhantização” operada pela linguagem, a cartografia delignyana oferece uma prática que intervém no espaço para acolher a diferença, e não nos corpos para normalizá-la. O legado de Deligny nos convoca a habitar as fissuras do simbólico, a cultivar topos onde a vida aracniana possa persistir. Trata-se, em última instância, de forjar uma clínica e uma educação que seja menos uma tecnologia de correção e mais uma arte do acolhimento espacial – um compromisso político com a criação de um comum onde o inassimilável tenha, finalmente, um lugar para estar.

## Considerações finais

Cartografar a experiência do grupo Tópos permitiu evidenciar como o pensamento de Fernand Deligny não constitui um corpus teórico a ser simplesmente aplicado, mas um ferramental ético e prático para a invenção de outros modos de educar e cuidar. A imersão nos conceitos de aracniano e topos, longe de ser um exercício puramente acadêmico, mostrou-se um gesto clínico-político de resistência à psiquiatrização da infância e à lógica da semelhantização. A leitura e a experimentação com Deligny operaram, assim, uma formação com seu pensamento, deslocando a questão do sujeito e do diagnóstico para o espaço e o comum.

A prática da cartografia, núcleo da “clínica do espaço” que desenvolvemos, revelou-se uma forma potente para interromper a vontade de interpretar e corrigir, abrindo lugar para o acompanhamento dos gestos e trajetos singulares. Ao fazer ver o “costumeiro” e as “linhas de errância”, a cartografia tornou-se uma tecnologia de acolhimento do inassimilável, materializando uma ética da hospitalidade que é, ao mesmo tempo, clínica, pedagógica e política. Com ela aprendemos que, antes de qualquer interpretação, é necessário criar um *ai* – um topos – onde a vida, em sua dimensão mais primária, possa espacializar-se.

Atualmente a experiência do Tópos ocorre de maneira mais porosa, entre pequenos grupos de formação e supervisão clínica, além de investir em cursos presenciais e remotos sobre conceitos associados ao tema da cartografia e da clínica do espaço. Tal percurso demonstra, portanto, uma interessante atualidade do trabalho de Deligny para o contexto brasileiro. Nossa interesse atual está em operar de modo territorial os conceitos deste autor, menos como método e mais como ensaio poético, clínico e político. Isso ressoa, por exemplo, a possibilidade e o desejo de pensar um Deligny tropical e, por que não, tropicalista. Seu pensamento nos oferece alternativas concretas para enfrentar os desafios da formação de educadores e clínicos, insistindo na construção de redes vivas e não especializadas como o solo para uma prática verdadeiramente inclusiva.

O que está em jogo, no fim das contas, não é uma nova técnica, mas um compromisso radical com a criação de áreas de convivência – espaços comuns onde a diferença autista, e toda diferença radical, não seja curada ou normalizada, mas possa, simplesmente, persistir. O convite de Deligny, que ecoa em nossa experiência, permanece aberto: habitar as fissuras do simbólico e tecer, nos interstícios das instituições, topografias míнимas para o humano em sua irredutível singularidade.

## Referências

ALMEIDA, Pedro. **Clínica do espaço - infância, autismo e cartografia.** Orientador: Eduardo Henrique Passos Pereira. 2024. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

ARAÚJO, Fábio. **Residência Terapêutica caSa:** da habitação clínica à clínica do habitar. Orientador: Eduardo Henrique Passos Pereira. 2023. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

\_\_\_\_\_. **Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico:** dos especialismos à política da amizade. Niterói, 2007.

DELIGNY, D. **O aracniano e outros textos.** São Paulo: Ed. N-1, 2015.

\_\_\_\_\_. **Vagabundos Eficazes.** Ed. N-1, São Paulo, 2018.

FERREIRA, Pedro Henrique Silva. **Nem inclusão, nem cura, mas a criação de um lugar comum:** uma cartografia das tentativas de Fernand Deligny. 2024. 118 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2024.

FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico:** Curso Collège de France (1973-1974) São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose.** Um novo paradigma estético (1992). São Paulo: Ed. 34, 2012b.

PASSOS, Eduardo. Inadaptação e Normatividade. In: **Cadernos de Deligny.** V.I, N.1. p. 145-175, Direito. PUC RJ, 2018.

PASSOS, Eduardo; MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Antifascismo tropical.** São Paulo: n-1 edições, 2019.

VITOR, R. **Ce gamin, là.** França, 1976.

RESENDE, Noelle Coelho. **Do Asilo ao Asilo, as existências de Fernand Deligny:** trajetos de esquiva à instituição, à Lei e ao Sujeito. Tese de Doutorado – PUC-RJ, Dep. Direito, 2016.

RIVERA, Tania. Ensaio sobre o Espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise. In: **Revista Ágora.** v. XI nº 2 jul/dez, Rio de Janeiro, 2008, p.219-233.